Jean-Paul Dumont. *Under the rainbow. Nature and supernature among the Panare Indians.* Austin, University of Texas Press, 1976. 178pp.

Renato Sztutman
Mestrando em Antropologia Social/USP, Bolsista da FAPESP

ESPAÇO, TEMPO E SEXUALIDADE ENTRE OS PANARE NA VENEZUELA: UMA AVENTURA ESTRUTURALISTA

Under the rainbow. Nature and supernature among the Panare Indians (1972), de Jean-Paul Dumont, integra o conjunto de etnografias sobre povos indígenas da região das Guianas. Trata-se, no mais, de uma monografia de fôlego sobre um povo que habita as regiões de floresta e savana do sul venezuelano, os Panare. Com esta obra, Dumont, deixando guiar-se por axiomas estruturalistas, busca a complexidade do pensamento Panare, bem como aspectos de sua organização social, afirmando este trabalho como mais um esforço “clássico” da antropologia em compreender as populações de florestas tropicais. Não se atém, no entanto, a um entendimento “mais amplo” das características gerais que uniriam os Panare aos seus vizinhos da região, tampouco comenta um modelo guianês propriamente dito. Viria a servir, neste sentido, como fonte obrigatória para o posterior estudo de Peter Rivière – *Individual and society in Guiana* (1984)¹ –, cujo mérito consistiu no agrupamento comparativo das etnografias sobre os povos indígenas das Guianas, tirando daí conclusões mais precisas sobre um “estilo” comum dentro daquilo que hoje poderia ser denominado como uma “área cultural”.

Under the rainbow é resultado de uma cuidadosa pesquisa de campo entre os Panare, realizada entre o verão de 1967 e o verão de 1969. Afastando-se do teor de neutralidade que habita a grande parte das monografias ditas “clássicas”, Dumont cede brechas para suas impressões pessoais e para “confissões” propriamente ditas da experiência tórrida que é o encontro com uma cultura distinta. Quanto a isso, o leitor já é avisado logo no capítulo primeiro: o autor se propõe alternar excursos teóricos com comentários pessoais acerca do que, para ele, representaria a sociedade Panare. Desta forma, após uma apresentação sistematizada sobre a localização geográfica (capítulo 2) e o *background* histórico desses índios (capítulo 3), Dumont deixa vir à tona sua experiência de encontro com os mesmos:

“Turiba Viejo, the Panare settlement, has as its bearings 6642’12”W and 635’58”N. Finally, in medias res, somehow suddenly dazzled and blinded to discover the Indian settlement hidden behind the gallery forest that followed the river bed, I was submerged in a tropical ambience: heat buzzing under high-noon sun, the atmosphere was

refreshed only by the clear sounds of running waters. I was full of naïve enthusiasm as two men began to ferry my boxes and myself across the Turiba. The jearking of the rough dugout canoe caused by these inexperienced paddlers did not stop my wonderment. For the moment, even that was exotic. I had come there to exorcize this exoticism, to desmistify it by resetting its components in the more appropriate frame of Panare daily reality.

Who was stranger to whom? Them to me or me to them? The fifty-eight inhabitants of the settlement, bemused by the ostentation of my luggage, were all – a front line of men behind which women were peeping – gathered at the bank, commenting, gabbling, giggling, glaring, greeting, gushing. I stepped out of the canoe and walked up the steep bank. From the river itself, one could have missed the settlement, some 50m behind. “Tankön aman” (“here you are”), said Marquito. Even the Panare referred to the headman by his Spanish name. We emerged in the clearing. Approximately at the center of it stood a churuata, flanked on each side by several workshop-stendas” (Dumont, 1976:30).

Estamos, pois, no quarto capítulo do livro, “An ethnographic presentation”, em que se encontra o preâmbulo para uma análise estrutural refinada e criativa acerca dos modos pelos quais os Panare percebem o espaço (capítulo 5), o tempo (capítulo 6) e as formas sensoriais (capítulo 7). Para tanto, a explicitação da experiência etnográfica e seus corolários não poderia ser mais cabida. É necessário, como o fez Lévi-Strauss em *Tristes trópicos*, evocar os primórdios da teoria, ou seja, o primeiro momento de um encontro marcado pelo estranhamento. É somente assim que pode florescer um trabalho etnológico: do questionamento acerca de verdades enraizadas a partir da descoberta de um mundo novo. É deste estado de “dúvida”, ou melhor, “de espanto” que pode ser gerado o conhecimento sistematizado acerca de uma realidade distinta.

O trabalho de Jean-Paul Dumont deve ser reconhecido como claramente um estudo estrutural. Em primeiro lugar, porque vislumbra uma abordagem êmica, isto é, interna em relação ao grupo em questão. Não se trata, como queria Paul Henley (antropólogo inglês que também estudou os Panare), de traçar um quadro das relações desses com a sociedade nacional², mas sim, destacar características gerais de seu pensamento, bem como padrões de organização espaço-temporal – o que viria sugerir um “complexo” Panare, irredutível ao *continuum* das relações interétnicas. Assim, Henley revela questões referentes à problemática do contato interétnico, abordada por Dumont, de maneira apressada e superficial (pois não se trata este de um problema de pesquisa) somente pelo viés da “aculturação” dada pelos impactos da colonização. Pode-se dizer, finalmente, que Dumont opta por uma interpretação “culturalista”: toma a cultura Panare como uma totalidade que deve ser compreendida dentro de seus esquemas próprios.

Antecipando seus intentos estruturalistas, o autor pretende, rapidamente, especificar quem são os Panare e como estes concebem suas redes geográfica e histórica. Quanto à eventualidade de uma unidade Panare propriamente dita, Dumont responde como sendo “*a sharing of a common territory and of a similar culture that accounts for Panare homogeneity. However, the Panare do not constitute a tribe stricto sensu: there is no activity that links all the local groups together*” (1976: 24). Dando continuidade à sua

"apresentação etnográfica", Dumont se lança à montagem de um *background* geral, capaz de familiarizar o leitor com esta população que será analisada nos capítulos seguintes. Após a narração do encontro entre ele e os índios, pode-se dizer que, em 35 páginas, o autor perfaz os caminhos de toda "boa" etnografia clássica. Começa por se referir à aparência física dos Panare, índios com "corpos de harmonia elegante" e "beleza incontestável" (p. 30). Em seguida, debruça-se sobre sua cultura material, cuja descrição apressada desemboca na discussão acerca da divisão sexual do trabalho, tema que será tratado exaustivamente e que reaparece constantemente em trabalhos como os de Joanna Overing³ (1985, 1991) e Peter Rivière (1984). Dumont, preconizando as conclusões de Rivière acerca de um individualismo guianês, encara a unidade produtiva Panare como "auto-suficiente"⁴, encontrando na relação complementar homem-mulher a base para esta unidade, enraizada na família nuclear e na idéia de posse individual. Outro aspecto importante dessa complementaridade reside na presença ambígua das mulheres. De um lado, elas representam fonte de desavenças políticas entre grupos e homens de um mesmo grupo local que competem por elas; de outro, são indispensáveis para a existência do grupo e da sociedade, uma vez que constituem a base das alianças e solidariedade interindividuais e intergrupais (p. 41).

Ao final do capítulo quarto, Dumont lança mão de uma ponte que lhe permite adentrar a análise estrutural. A partir de sua incursão pela vida pragmática Panare – divisão do trabalho, atividades produtivas, descrição de condutas –, o autor se sente à vontade para mergulhar no plano simbólico. A contribuição desta etnografia preliminar estaria portanto no destaque de uma relação (ou oposição, para introduzir um vocabulário estruturalista) que poderia suscitar toda uma série de conceitualizações acerca da qualidade da vida social Panare. Trata-se da divisão do trabalho que reflete uma contradição entre duas tendências opostas:

"women are necessary to men and complement them. Women are necessary economically and sexually. Economically, they are indispensable partners, since men produce only the raw materials of food. Sexually they are the indispensable reproductive and nursing partners without which the survival of the group is doomed. On the other hand, women are secondary to men not only in terms of status, but also in terms of their economic role. Except for plant collecting, which is quantitatively as well as qualitatively minimal, no women can ever produce except from a material originally secured by men: gardens have to be slashed and planted by men before women can pick up the products; fish have to be poisoned by men before women can trap them in their baskets; all that is plant and flesh has to be brought back to the settlement by men before women can turn it into food" (p. 64).

Esta divisão do trabalho pode, segundo Dumont, revelar uma correlação "elementar" para pensar as relações sociais Panare, bem como para revelar uma lógica de oposição entre interior e exterior. O autor leva adiante seu esforço estrutural, alegando que as consequências destas oposições são expressas em termos de tempo e de espaço, aspectos a serem examinados na segunda e mais importante parte de seu livro. Assim, indo a fundo nestes esquemas de oposição, Dumont pretende examinar as formas pelas quais os Panare conceituam sua própria cultura.

Os capítulos 5, 6 e 7 se prontificam a responder a questão lançada de início: o que pensam os Panare sobre si mesmos? Dumont está interessado em uma "gramática"

da cultura Panare, procurando revelar aquilo que entende como o “idealismo filosófico” daquela sociedade. Não obstante, o autor prefere evitar os grandes vãos do estruturalismo, desejando manter-se próximo às categorias nativas. Neste sentido, pretende se afastar de “modelos” construídos, antes guiando-se por “paradigmas”, isto é, arranjos de dados empíricos. Metodologicamente falando, Dumont prefere não se afastar dos dados, optando por uma entidade epistemológica mais humilde nos “vãos” e menos distante da experiência vivenciada na pesquisa de campo. Neste momento, o método estruturalista cede lugar para o que Geertz⁵ chamou atenção como apreensão do “ponto de vista do nativo”, trazer para à teoria uma experiência vivenciada “de perto”.

Disto tudo, Dumont explicita como intento último o reexame da oposição natureza/cultura – “emblema” do estruturalismo lévi-straussiano – à luz de uma teoria/filosofia Panare. Seu argumento conclusivo de que *“supernature is not only the negation of society, but also the negative of society and of nature”* aponta para um conceito de cultura que *“establishes, therefore, a dialogue with its twofold outside: on the one hand, a natural reality; on the other hand, a supernatural world”* (p. 165). Segundo Dumont, tomar a sobrenatureza como produto da cultura pode ser uma interpretação empobrecedora, uma vez que a natureza também o é: em qualquer sociedade, ela se encontra de forma culturalizada. Desenvolvendo esse argumento, Dumont acrescenta:

“Therefore, at a natural level as well as the supernatural level, there are two constituted orders of which the content is immediately given to culture and which escapes the control of culture. The process of structuration involved in the implicit mythology consists in imposing cultural forms on a natural content on the one hand and on a supernatural content on the other hand. (...) Culture can only be understood in opposition to both nature and supernature. Culture maintains its frail balance between both nature and supernature by constructing its own order against the perceived forms of nature and supernature, perceived as disorders, since the order of others is always disorder. In other words, culture creates significative, differential discontinuities both between itself and nature, from which it can only be conceptually separated; and between itself and supernature, by which it is, as it were, enveloped” (p. 165).

Para tanto, o percurso percorrido por essa análise tem seu ponto de partida na estrutura espacial, de modo a promover a incursão à estrutura temporal e às categorias sensíveis. Em primeira instância, o espaço Panare é apresentado como concebido em termos de relações interpessoais. Dumont busca demonstrar, por meio de um jogo de categorias nativas, que os Panare definem sua cultura como coextensiva à categoria de espaço, o que pode parecer estranho ao leitor, uma vez que no Ocidente a definição está atrelada à historicidade.

O autor dissecar a organização espacial nativa, destacando o movimento sazonal entre diferentes ambientes como uma característica estruturalmente importante para seu padrão de assentamento. Dumont nega ser importante superar os determinismos ecológicos e econômicos (lógica da escassez) – “racionalizações *a posteriori*” – para dar conta destes deslocamentos espaciais. A “explosão” do grupo em unidades diferenciadas durante a estação seca (famílias movem-se para “ranchos”) em contraste com a compactação da unidade residencial (aglomeração em “campos”) durante a estação úmida deve ser vislumbrada como uma oposição estrutural. O espaço convertido em

“linguagem” indica a passagem da periodicidade natural das estações à periodicidade cultural das translocações. Isso, para Dumont, oferece aos Panare uma “ilusão” de controle da natureza: o espaço pode ser então domesticado. O paradigma do “espaço inabitado” define-se então como “espaço organizado”, uma enculturação de ambas natureza e sobrenatureza, então incorporadas à ordem Panare.

A percepção do tempo, mais especificamente do “ciclo anual”, entre os Panare é mediada pelo movimento e pela relação estabelecida entre os corpos celestes. O ciclo anual de atividades aparece entre os Panare como um processo dinâmico devido à alternância (aparecimento e desaparecimento) das constelações no céu em cada estação (seca e úmida). Pode-se dizer, neste sentido, que a vida social é revelada por um código astronômico, sendo que as estrelas estão entrelaçadas em termos de co-residência e parentesco. O sol e a lua são identificados a um par de siblings incestuoso, o que revela, entre eles, um comportamento “por demais natural” que gera ao mesmo tempo o sobrenatural, segundo o que diz a teoria Panare. Dumont encontra nessa relação um índice de sexualidade deslocada, uma vez que o incesto é concebido pelos Panare como “falha cultural”. O código astronômico revela a procriação como sinônimo de cultura alta e sua impossibilidade – designada por uma estrutura triangular de endogamia patogênica, constituída por termos como androginia, masturbação e incesto – como sinônimo de baixa cultura, logo aproximada ao plano da natureza.

Dando continuidade às suas especulações estruturais a partir do idioma da sexualidade contido na rede astronômica, Dumont indica o par de oposição – Via Láctea e Arco-Íris – como posto em correlação com o par sol/lua: a primeira como representante das estrelas assexuadas e da morte, o segundo, encarnado na figura mitológica de Manataci, demiurgo que representa o excesso de vida, a androginia e a transcendência do plano da cultura. Assim, se o sol é masculino e a lua feminina, o Arco-Íris é andrógino e a Via Láctea, assexuada. As estrelas assim como os espaços residenciais também constituem uma grade que se espalha entre os pólos natureza/ sobrenatureza, que pode também ser correlacionado ao polo -cultura/ +cultura. Desta forma, a estrela solitária Antares, a única que é nominada durante a estação chuvosa, está compreendida no pólo negativo por sua incapacidade reprodutiva; no pólo oposto, viriam as Plêiades referentes à aliança e a constelação de Orion, representante da filiação.

O sétimo capítulo do livro fecha a investigação acerca da “intuição” Panare, mergulhando no âmbito dos sentidos, os quais são, entre estes índios, divididos em quatro categorias de percepção (há uma mesma categoria para tato e olfato). *“It is only asking whether the sensible categories are organized in a structural ensemble oriented from nature to supernature that we shall be able to come back to the congruent space and time from which we started”* (p. 141). O autor julga-se preparado, não obstante, para tratar apenas de duas delas: a audição e o paladar.

Quanto à estrutura auditiva, Dumont alega que os Panare têm uma apreciação fundamental pela moderação da voz e pela quietude, tendo o barulho como próprio dos cães – intermediários entre o mundo humano e o animal. Assim, uma criança em fase de enculturação é ensinada a permanecer quieta e agir com moderação. Entretanto, a aberração vocal representada pelo grito humano também tem seu lugar e significado dentro da vida social. Em primeiro lugar, por se tratar de um mediador entre natureza e cultura pode aparecer como restabelecimento de uma ordem cultural desestabilizada pela natureza. São,

pois, os “gritos” muito recorrentes em cerimônias coletivas e festas de bebida, momentos nos quais muito som é permitido. Desta forma, o “grito” na festa simboliza a intervenção da cultura e da coletividade, trata-se de uma ruptura intencional, em que o importante é exibir a manipulação do sobrenatural – este *surplus* de cultura. A música, por sua vez, é oposta ao barulho (natureza) e ao discurso (comunicação inter-humana), representando uma ordem suprema, um discurso mascarado direcionado ao sobrenatural. Ora, esta forma de comunicação não pode prescindir de uma dupla mediação, dada pelo código musical e pelos instrumentos. Tem-se entre os Panare que a música é responsável por um mecanismo de sedução e que as festas de bebida têm como objetivo subliminar a perpetuação da vida, agindo como estímulo para a circulação de mulheres. Assim, a música atua enquanto controle simbólico do processo de balanço que tenciona transformar uma ordem pretensamente consangüínea em afim. Além da música outros sons podem ser postos em uma escala compreendida entre natureza e cultura. Ao contrário desta, que é exclusividade de homens, as canções são tarefas para mulheres e os choros, reservados às crianças. Desta maneira, pode-se vislumbrar uma estrutura auditiva que situa os homens adultos do lado da cultura, as crianças do lado da natureza e as mulheres em uma posição intermediária. Em todos esses casos, a música representa a anti-natureza, processo quase sobrenatural que ajuda os Panare a encarar tanto a morte natural como a morte simbólica, recorrente nos rituais de iniciação.

A investigação da estrutura gustativa suscita novamente o problema da apreciação da carne, uma vez que a escassez de comida é equacionada à escassez cultural, que é o mesmo que dizer escassez de carne. A mandioca, item fundamental da dieta Panare, é reconhecida como mediação entre a comida animal e a vegetal (só pode ser ingerida junto com carne). Mais uma vez a estrutura de divisão sexual do trabalho está presente: cabe às mulheres a produção vegetal enquanto aos homens é reservada à caça.

A monografia de Jean-Paul Dumont encerra-se com este entrelaçamento de estruturas que, por fim, aponta uma complexidade Panare. Suas teorizações acerca do lugar da sobrenatureza no pensamento nativo abre bastante espaço para novos estudos sobre cosmologias indígenas, especialmente daqueles povos habitantes da região das Guianas. Assim, pode-se conceber este trabalho como ponto de partida para teorizações mais generalizantes que têm no conjunto de monografias sobre os povos das Guianas um tipo de pensamento focalizado no controle cultural das forças exercidas pela natureza e sobrenatureza, delineando assim um processo civilizatório singular que vê o mundo como espaço de embate de forças díspares e a cultura como mediação necessária.

Não obstante, o livro termina querendo-se um início. Início do estudo sobre um povo e sobre uma região, nada esgotado; deixando muito a ser especulado. O próprio Dumont admite: “*One most obvious direction, then, would be to ask how the Panare conceive their social relations not only within their society but also with the non-Panare world of neighboring Indian societies and with the Venezuelan ‘complex’ society*” (p. 166). De fato, a etnologia do final da década de 70 e também dos anos 80 confirmaria uma demanda por estudos de maior abrangência tanto no aspecto comparativo quanto no sentido do impacto das relações interétnicas sobre aquilo que se vislumbrou como teorias e filosofias indígenas. Os anos 90, em que o avanço desses estudos parece

incontestável, devem muito, no entanto, à remontagem das monografias “primordiais”. É tempo de revisitar etnografias como a de Jean-Paul Dumont para poder então rever antigos modelos à luz das novas problemáticas teóricas colocadas pela disciplina.

NOTAS

- 1 Cambridge, Cambridge University Press.
- 2 De Henley, conferir *The internal social organization of the Panare of Venezuelan Guiana and their relations with the national society* (1979) e *The Panare. Tradition and Change on the Amazonian Frontier* (1982).
- 3 Por exemplo, *The Piaroa, a people of Orinoco Basin. A study in kinship and marriage*. Claredon Press, Oxford, 1975; ou “Dualism as an expression of difference and danger: marriage exchange and reciprocity among the Piaroa of Venezuela”. In: Kesinger, K. M. *Marriage and practices in Lowland South America*. Urbana, Chicago, University of Illinois.
- 4 “Apart from the exceptions already mentioned, the traditional technology is entirely manufactured from the resources of the environment by two adults of opposite sex who, together, know all the techniques of their culture and form a complementary and almost self-sufficient unit. A man or a woman alone would not survive” (Dumont, 1976:34).
- 5 Geertz, Clifford. 1983. “From the Native Point of View”. In: *Local knowledge – further essays*. In: *Interpretative Anthropology*, Inc. Publishers, New York.